As Noites do Asceta

Alberto Pimentel

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

As Noites do Asceta

Alberto Pimentel

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Pedro Saborano (produced from scanned images of public domain material from Google Book Search)

OPUSCULOS ROMANTICOS

II

AS NOITES DO ASCETA

POR

ALBERTO PIMENTEL

LISBOA
Empreza Editora, Carvalho & C.ª
RUA LARGA DE S. ROQUE, 100, 1.º
1876

AS NOITES DO ASCETA

POR

Alberto Pimentel

LISBOA
Empreza Editora Carvalho & C.ª
100, Rua Larga de S. Roque, 1.º
1876

Typ. de J. C. Almeida, Rua da Vinha, 65--Lisboa.

_a_

Jacintho Maria Rodrigues

Oh, que viesse o que não crê, comigo,
Á vecejante Arrabida, de noite,
E se assentasse aqui sobre estas fragas,
Escutando o sussurro incerto e triste
Das movediças ramas, que povoa
De saudade e amor nocturna brisa;
Que visse a lua, o espaço oppresso de astros,
E ouvisse o mar soando:--Elle chorára
Qual eu chorei.....

Alexandre Herculano--_A Harpa do Crente._

«Ajuntava a esta abstinencia (Frei Agostinho da Cruz) as muitas vigilias, ásperas disciplinas, em que se exercitava, e outras mortificações, que elle depositou no archivo do silencio, e só nos deixou as inferencias, de que eram muito esquisitas.»

Frei Antonio da Piedade--_Espelho de penitentes e chronica da Provincia de Santa Maria da Arrabida._ Tomo I, part. I, liv. V.

Eram aquelles os tempos do Amor.

Por toda a parte o coração era a mais fecunda, a mais vivida, a mais completa manifestação da Vida. A humanidade entrára no idyllico periodo da sua primavera. As flores do sentimento brotavam candidas e perfumadas sob os pés da Mulher deificada pela adoração. Deus estava no ceu e a Mulher na terra. A mesma religião absorvia e

confundia estas duas grandes individualidades mysteriosas, porque Deus fôra gerado no ventre da Mulher virgem. Pois que o amor divino se librava puro, austero, immaculado, o amor terreno procurava igualal-o pela candura das suas intenções. O seculo XIV, um dos mais famosos seculos do grande cyclo amoroso, vê um rei de Inglaterra curvar-se para levantar a fina liga de seda da condessa de Salisbury, e ouve a legendaria imprecação do rei aos maliciosos cortezãos cujo riso envenenava esse extremo de galanteria palaciana. E é d'essa pequena fita, acolchetada por esmaltadas fivelas de oiro, que o rei namorado quer fazer o mais ambicionado, o mais nobre, o mais difficil galardão cavalheiresco:--a jarreteira azul. O mesmo seculo vê um rei portuguez realisar á beira do Mondego o mais ardente e lacrimoso idyllio da tradição amorosa nacional, e, para diluir as sombras com que os validos de Affonso IV quizeram ennegrecer o que n'esse grande amor havia de puresa, mandar rasgar-lhes o peito e lavar a crudelissima affronta no sangue d'elles. A loira Ignez apparece depois de morta menos princesa que martyr. Os seus funeraes são uma apotheose; a memoria que de si deixa completa a deificação. D. Pedro quer que desde Coimbra a Alcobaça passe o athaude por entre duas filas de cirios, duas fitas d'estrellas--como diz Schoeffer--; no tumulo de Ignez avultam entre os phantasiosos ornatos as azas que denunciam os cherubins. O Amor faz de Ignez um anjo, e é ainda pelo anjo, que voou, que a pequena fonte da margem do Mondego chora lagrimas de casta saudade.

Petrarcha não pôde esquecer n'este poetico seculo do Amor. Elle representa o mais puro, o mais santo, o mais ideial amor que é dado conceber-se: o amor sem esperança. Elle renega as tendencias voluptuosas da Roma classica, em que foi educado, e lança-se na

solidão de Valchiusa, sem amaldiçoar Laura, quando o amor lhe dilacera o peito, como o açor póde dilacerar a pomba que empolgou.

Illumina-se phantasiosamente o seculo decimo-quinto com o renascimento das artes e das letras. É o seculo de Lourenço de Medicis--o Magnifico--, o grande seculo em que tudo traduz o Amor: o marmore, a tinta, a linha. Leonardo de Vinci lança na tela a encantadora figura da Gioconda, a esposa adorada; Raphael dá á Virgem a formosura da florista de Florença, a _fioraia_, divinisando a Mulher. E ainda a Religião a companheira dilecta do Amor. São os papas que protegem as artes. Roma, a capital do mundo catholico, tambem o é do mundo artistico. São religiosos os assumptos de todos os quadros, que se pedem do Meio-dia e do Occidente. Sómente a Renascença torna a alma menos pura e o corpo mais formoso. Desapparecem das telas as pallidas figuras asceticas, e relevam sobre o peito feminino as curvas voluptuosas das mulheres pagãs. Magdalena transforma-se em Venus. Ainda um prodigio do Amor! É que o artista amante quer perpetuar na tela a mulher amada. A madona deixa vêr a _fioraia_.

O Bernardim das _Saudades_ é a ponte amorosa lançada entre o seculo XV e o seculo XVI. Vós, cavalleiros gentis, para quem o Amor é uma tradição gloriosa, atravessai d'um seculo para outro por sobre o cadaver d'este pobre trovador, que deixou partido o bandolim sobre os tapetes da côrte.

O seculo XVI é o seculo de Camões. Basta dizer isto. Na alma do poeta pulsam as tendencias do seculo. O Amor anda na epopea a par da Gloria. As luctas do coração dão maior relevo aos poetas d'essa idade. A gruta de Macau ouve os suspiros de Camões; Diogo

Bernardes chora á beira do Lima a traição de Sylvia; Agostinho da Cruz foge do paço do infante D. Duarte para o eremiterio da serra da Arrabida.

Mas em Portugal as sinistras fogueiras dos autos de fé, mandadas accender por D. João III, haviam empallidecido nas telas as figuras pagãs da Renascença. Então, se o Amor pintasse na côrte portugueza, usaria as sombrias tintas da eschola de Ombria. Dir-se-hia que Fra Angelico resuscitára para succeder a Raphael.

Frei Agostinho da Cruz é o Fra Angelico da poesia portugueza. Um ia cobrindo de melancolicos _frescos_ os muros do seu convento de Fiesole; o outro, entalhava nas arvores da Arrabida os seus versos religiosamente tristes e amorosos. Em ambos um coração de artista amortalhado no habito. Ambos abençoados por Deus na hora do passamento.

Assim, porém, como por sobre o cadaver de Bernardim, involto na sua capa de trovador, atravessa do seculo XV para o seculo XVI a tradição amorosa, assim tambem o cadaver de Frei Agostinho da Cruz, involto no seu habito de franciscano, é a ponte lançada entre o seculo XVI e o seculo XVII, entre as caladas grutas da Arrabida, onde Agostinho poetava, e a cella do convento da Conceição de Beja, onde Marianna Alcoforado recebia o sr. de Chamilly; entre o paço do infante D. Duarte, onde os monges arrabidos iam praticar sobre a conversão de Frei Jacome Peregrino, devida a uma simples visita que fizera á santa montanha barbarica, e a côrte de Luiz XIV, onde o Amor não havia perdido ainda a sua velha influencia de tres seculos, mas decotava as suas impuresas com a mesma thesoira doirada com que a La Valliére, a Montespan, a Fontanges e a Maintenon

decotavam os seus vestidos.

Iam a desfolhar as ultimas florescencias da Primavera do coração, crestadas pelo bafo ardente da sensualidade palaciana. Começavam a amadurecer os pomos do Outomno.

Á flor, na sociedade como na natureza, succedia o fructo. Após os seculos da Guerra, das correrias, das conquistas, das lanças e das cruzadas, tinham vindo os seculos do Amor, das ambições de gloria, das grandes proesas namoradas, dos altos feitos poeticos. Era chegado o momento de soar no eterno relogio das gerações a hora dos indeterminados seculos do trabalho e do pensamento, da força moral e da potencia intellectual, das conquistas pelo estudo e pela perseverança, do cyclo vencedor e forte, não da duresa do ferro, de que se fabricavam as velhas armaduras, mas da duresa do silex, de que brotam centelhas.

Sim, meu solitario poeta da montanha da Arrabida, humillimo eremita d'esses fraguedos bemditos, o teu vulto melancolico e pensativo apparece ainda de pé, olhando para o mar sereno e curvo, ao limiar da tua ermida, como encostado á porta d'um templosinho invisivel onde se rendesse o derradeiro culto ao doce platonismo de Petrarcha, onde ao sopé da Cruz houvesse duas mulheres, ambas santas, ambas moças, ambas formosas, chorando uma de saudade, outra de arrependimento, mas ambas por Amor,--Maria e Magdalena. Sim, eu ahi te vejo a meditar no que foi a tua breve mocidade, ó castissimo asceta, em quanto os passarinhos da serra te vinham poisar sobre os hombros descarnados, como diz a legenda, e as feras da matta vinham procurar-te á mão, como aos antigos padres do deserto, o teu duro e escasso alimento de solitario.

Sim, eu entrevejo-te nas tuas longas noites silenciosas, na bem-aventurada velhice dos teus sessenta e cinco annos, nos primeiros tempos da tua religiosa solidão, antes que o duque de Aveiro te mandasse edificar a ermidinha que ainda hoje se conserva, escondido ao fundo da tua cabana, por ti mesmo entretecida de ramos, encostado ao breviario, e ao pé dos seccos feixes de matto, que te serviam de cama... Por unicas alfaias em toda a choça, as disciplinas e os cilicios. Fóra, a noite, a noite tepida e luminosa, esmaltada de estrellas dormentes; e em baixo, ao fundo, o grande mar, a ampla bahia, curva como um alfange, narcotisada pelos effluvios do luar.

E tu, mudo e recolhido, deixando invadir-te a alma a placida doçura das estrellas e das aguas, escutando--porque não hei de dizel-o?--os eloquentes silencios da noite, que desciam á profundesa harmoniosa do teu peito, e mansamente o atravessavam, e de lá voltavam a derramar-se na amplidão luminosa do firmamento, já transformados n'estas e outras palavras puras e sonoras como o oiro:

Alta Serra deserta, d'onde vejo
As aguas do Oceano d'uma banda,
E d'outra, já salgadas, as do Tejo:
Aquella saudade, que me manda
Lagrimas derramar em toda a parte,
Que fará n'esta saudosa, e branda?
D'aqui mais saudoso o sol se parte;
D'aqui muito mais claro, mais dourado,
Pelos montes, nascendo se reparte.
Aqui sobe-lo mar dependurado
Um penedo sobre outro me ameaça

Das importunas ondas solapado.
Duvido poder ser que se desfaça
Com agua clara, e branda a pedra dura
Com quem assi se beija, assi se abraça.
Mas ouço queixar dentro a lapa escura,
Roidas as entranhas apparecem
D'aquella rouca voz, que lá murmura.
Eis por cima da rocha aspera descem
Os troncos meio sêccos encurvados,
Eis sobem os que n'elles enverdecem.
Os olhos meus d'ali dependurados;
Pergunto ó mar, ás plantas, ós penedos
Como, quando, por quem fôram creados?
Respondem-me em segredo mil segredos,
Cujas primeiras letras vou cortando
Nos pés d'outros mais verdes arvoredos.

Esta musica ineffavel, que subia para Deus em ondulações maviosas, traziam da tua alma os silencios da noite: tal as abelhas do Hymetto, atravessando a florida espessura do açafrão cheiroso, traziam para o colmeal o alvo mel dos banquetes atticos.

Outras vezes rugia sobre o mar a tormenta, rasgavam-se de instante a instante em listrões de fogo os fluctuantes crepes do ceu, o ribombar do trovão vinha rolando montanha abaixo em echos entrecortados, o gigante de pedra, em cujo dorso se entremostrou radiosa de nimbos mysteriosos, em remotos tempos, a imagem de Nossa Senhora, ao mercador Haildebrant, cuja embarcação, contrastada dos ventos, dobrára o cabo de Espichel,--o gigante de pedra, minado pelo oceano,

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com